

ORQUIDÁRIO

Revista
Livr. Tol. 33 n.º R. 03

Obra n.º



Botanicário

ORQUIDÁRIO

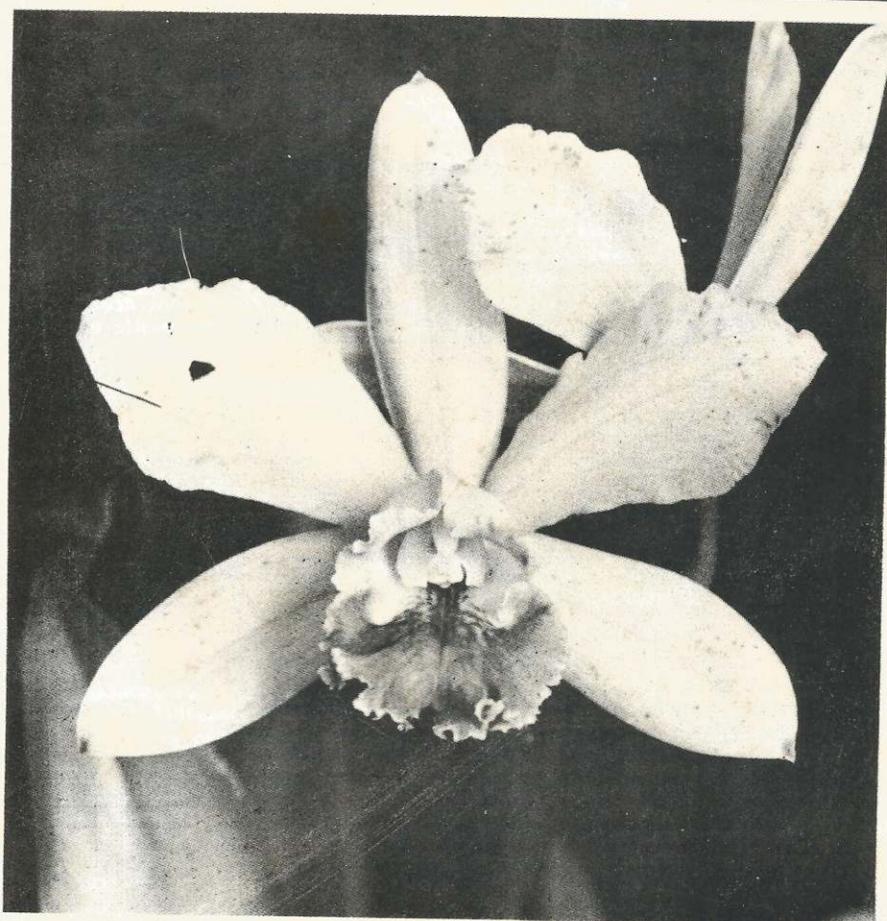
Revista Oficial
da

Orquidário

VOL. 1

Jul/Set 1987

N. 3



R.03

OrquidaRIO

DIRETORIA

Presidente (licenciado)	Edward G. E. Kilpatrick
Presidente (em exercício)	Álvaro A. A. Pessoa dos Santos
Secretário	Carlos Eduardo B. Pereira
Tesoureiro	Hans J. O. Frank
Diretor Técnico	Francisco E. L. F. de Miranda
Diretor Social	Helena Eyer
Diretor de Exposições	Roberto Agnes
Editor	Francisco E. L. F. de Miranda
Comissão Editorial	Álvaro Pessoa Maria Cristina de C. Miranda Carlos Eduardo B. Pereira

NOTIFICAÇÃO AOS CONTRIBUINTES

A Revista ORQUIDÁRIO é publicada trimestralmente pela OrquidaRIO (Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro), e é mandada a todos os seus Associados e demais Associações afins. Cópias avulsas da Revista podem ser adquiridas diretamente da OrquidaRIO por 1/4 OTN.

Artigos a serem submetidos para consideração e posterior publicação são aceitos pelo Editor a qualquer tempo. Manuscritos devem ser datilografados preferencialmente em espaço duplo e papel A4. Os manuscritos aceitos pela Comissão Editorial serão publicados na primeira oportunidade. Fotos preto e branco, desenhos e esquemas junto aos artigos são aceitos para publicação (no caso de fotografias, se possível fornecer o nome do fotógrafo). Artigos a serem publicados em uma edição específica, incluindo propaganda, devem ser recebidos pelo Editor até as seguintes datas, que serão rigorosamente observadas:

Mês de edição	Data final de recebimento
Março	15 de janeiro
Junho	15 de abril
Setembro	15 de julho
Dezembro	15 de outubro

Taxas para publicação de anúncios:

Página inteira	20 OTN
Meia página	10 OTN
Quarto de página	5 OTN

A OrquidaRIO tentará assegurar a confiabilidade dos anúncios publicados na Revista ORQUIDÁRIO, entretanto, não poderá assumir responsabilidade por quaisquer transações entre anunciantes e clientes.

Toda correspondência relativa à Revista ORQUIDÁRIO deve ser enviada para:

Francisco E. Miranda - Editor
OrquidaRIO
Rua Sorocaba, 122 - Botafogo
22271 Rio de Janeiro - RJ

A OrquidaRIO está aberta à participação de todos. Os associados terão direito à Revista ORQUIDÁRIO e a participar de todas as atividades sociais da OrquidaRIO. A taxa é trimestral no valor de 1 OTN.

INDICE

29/04/92

Bibliotecário

CONTEÚDO

O Mateiro	Hans Frank	50
• Cattleyas miniatura	Roberto Agnes	52
• Orquídeas da África - 3 - <i>Angraecum</i>	Roberto Agnes	57

NOTAS

Capa	47
Conteúdo do Próximo Número	48

COLUNAS

Editorial	49
Sem Censura	48

CAPA

Para o terceiro trimestre do ano, nada mais lógico do que reservarmos para a capa da nossa revista, espaço para *Cattleya intermedia* Grah. Pode ser considerado que a espécie existe na natureza em duas populações distintas, a primeira na região sul do Brasil, entre os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, e a segunda no Rio de Janeiro, mais especificamente na área do Cabo Frio. Estas populações são, desta forma, bem separadas, e as plantas variam consideravelmente. A grande maioria dos clones de boa forma foi encontrada na população sulina, o que é bem lógico, pois a quantidade de plantas é incomparavelmente maior. Porém, algumas plantas interessantes podem ser contadas entre as encontradas no Rio de Janeiro, e um bom exemplo é *C. intermedia* 'punctata Cabo Frio'. A mistura de "sangue" entre as duas populações, ainda não tentada, pode levar a resultados muito interessantes.

CONTEÚDO DO PRÓXIMO NÚMERO

No próximo número, teremos a continuação das *Laelias* brasileiras, com os números 3 e 4 da série. O número 3, tratando da seção *Hadrolaelia*, deveria estar incluído neste, o que não foi possível. O número 4, é uma primeira abordagem das espécies da seção *Parviflorae*, as chamadas *Laelias* rupícolas. A seção é muito extensa e não deve ser tratada de uma só vez, pois o tratamento seria muito superficial, a ponto mesmo de não dar idéia de como as espécies se agrupam. Álvaro Pessoa relata as expedições do naturalista Richard Spruce em sua estada na Amazônia no século passado, e faz comentários espirituosos à respeito da sua pretérita fase como cultivador iniciante.

SEM CENSURA

NEM SÓ NO BALLET EXISTEM PRIMA-DONAS

Após um bonito ballet, a prima-dona é normalmente a mais aplaudida, entre tanto por trás dela existe uma imensa estrutura de suporte feita de varias pessoas. Cada uma destas é de fato uma prima-dona mesmo que não aplaudida no final do show. Cada uma destas aceita isso, feliz com o fato de que sua tarefa, levada à efeito de forma profissional, foi instrumento para o sucesso do espetáculo. Isto é pertinente também a um show de orquídeas e mesmo que o encarregado do show seja a pessoa mais visível seria impossível esperar sucesso sem o auxílio de todos. Sucesso significa profissionalismo e cooperação. Profissionalismo significa que se alguém se propõe a determinada tarefa, nada deve deter sua execução. Cooperação significa compreensão de que somos apenas humanos e agimos como tal e na pressa de que as coisas sejam feitas, atritos podem ocorrer mas devem ser superados, tudo em bom estado de espírito. Todos nós gostamos de ser reconhecidos e alguns precisam "EU QUERO SER RECONHECIDO" escrito por toda parte, enquanto outros, mais modestos, se contentam com minúscula escrita. Na noite de abertura somos todos reconhecidos, somos todos prima-donas e devemos estar satisfeitos com a compreensão de que contribuímos de alguma forma para sermos reconhecidos. Quantos de nós, entretanto, realmente merecemos este reconhecimento? R. AGNES.

COMUNICADOS:

- 1 - Algumas modificações do Quadro Diretor da Orquidário ocorreram, na maior parte dos casos apenas mudanças de função para ajustar a equipe. O resultado pode ser observado no verso da capa.
 - 2 - Os aumentos dos custos e adequação à realidade de publicação de uma revista motivaram o ajuste das taxas de publicação de anúncios na revista Orquidário. Os novos valores aparecem no verso da capa.
-

EDITORIAL

No terceiro trimestre do ano, temos a mudança de estações, do inverno para a primavera. Nesta época, considerada a festa das flores, a Orquidário realiza sua exposição anual, que coincide com a entrada da primavera. O atraso da revista, entre todas as consequências danosas, permite que façamos uma análise da exposição, o que traz um ponto positivo a este atraso. A 2a. Exposição de primavera da Orquidário se caracterizou, mais uma vez, pela inovação. Todos na Orquidário, e em especial seus diretores, sempre acharam que a disposição das plantas em cavaletes nas exposições não é a forma ideal, por não permitir a formação de conjuntos e muito menos dar profundidade a eles. Especialmente para o grande público que muitas vezes não é capaz de valorizar uma orquídea por si só, isolada num cavalete, ainda mais se não for algo como uma vistosa *Cattleya* híbrida, a disposição das plantas em arranjos por cor, tipo, ou qualquer outro padrão torna as exposições bem mais agradáveis. E devemos ter isto em mente, as exposições, em sua maioria, são para o grande público, de onde quiçá alguns se interessarão por orquidofilia. Assim, a primeira exposição teve as plantas organizadas em cubos de diferentes tamanhos e alturas. A 2a. Exposição teve tudo arranjado em estruturas montadas com bambu e bacias de ardanto pintadas, formando arranjos irregulares por onde os visitantes caminhavam entre grupos de plantas arranjadas em grupos de diferentes posições. O impacto visual final foi de agrado de todos e aqui é importante tomar público o agradecimento a todos que contribuíram de alguma forma para o sucesso do evento.

Mas, esta época do ano não é um "mar de rosas", para as orquídeas em seus habitats naturais. Na primavera, a estação seca, principalmente nas regiões centrais do Brasil, está nos seus meses finais, o que significa que em algumas áreas temos já mais de seis meses de seca. Com isso, o maior inimigo das orquídeas brasileiras atinge seu auge: o fogo. Essas queimadas periódicas vem já de longa data, mesmo os índios no passado já adotavam a prática, nas regiões de cerrado, como atestam registros fósseis. Basicamente, as queimadas produzem dois tipos de efeito nas plantas. Para as orquídeas epífitas, tais como *Laelia sincorana* na serra do Sincorã, BA, e *Cattleya nobilior*, nos cerrados de Mato Grosso e Goiás, o fogo produz destruição total, milhões de plantas todos os anos. O segundo tipo de efeito é adaptativo. Muitas orquídeas terrestres vivem entre vegetação gramínea, muitas vezes não recebendo luz suficiente para florir. O fogo então atua de duas formas: após o fogo, a ausência desta vegetação gramínea, destruída, permite que as plantas recebam luz suficiente para florir, e de fato florescem logo após a queimada, e nenhum exemplo é melhor do que o das espécies terrestres de *Cyrtopodium* nas serras do Cipó, em Minas Gerais, e do Sincorã. O segundo efeito é que o fogo quebra a dormência de gemas, efeito este também produzido em arvores do cerrado. Isso facilita a floração, e de fato quem já cultivou esses *Cyrtopodium* sabe como são difíceis de florescer no conforto de nossas estufas e mesmo no jardim, a pleno sol.

A destruição causada pelo fogo não dá mostras de que vai diminuir no futuro, principalmente porque o tipo de vegetação que se estabelece nestas áreas tende a ser de ciclo anual, o que facilita estas queimadas cíclicas. Quanto ao fogo em si, quase sempre é ateadado propositalmente, pois a dura realidade constatada é que quem habita estas regiões muitas vezes tem mesmo prazer em ver a queimada, e de outras vezes é muito mal orientado.

De qualquer maneira, o problema é cultural e muito arraigado na população do interior. É fato que, para prover conhecimentos é necessário primeiro existirem professores qualificados, o que não é o caso nestas regiões. Isso tudo traça um quadro muito obscuro para as nossas orquídeas nativas, e ao invés de as pessoas gastarem tempo precioso apenas pondo a culpa nos mateiros e orquidários comerciais, deviam se lembrar que os primeiros logo estarão de empregados pela simples destruição dos habitats, pois sem as matas, cerrados e campos naturais, não haverá mais orquídeas a serem admiradas pelas futuras gerações. O papel dos orquidófilos e entidades que os congregam é muito maior do que se pode imaginar. Qualquer pessoa que seja esclarecida sobre os danos causados pelo fogo é um aliado, que já ajuda simplesmente se evitar ele mesmo contribuir para essa sanha destruidora. Devemos ter sempre em mente que a extinção de uma espécie é um caminho sem volta.

FRANCISCO MIRANDA

O Mateiro

HANS FRANK¹

Nestes vários anos de paixão por nossas orquídeas, quantas vezes me senti oprimido e amargurado (para não dizer revoltado), ao voltar a locais onde outrora vicejavam florestas, cerrados e banhados, cobertos de vegetação e fauna! Ali, onde eram abundantes as *Cattleya forbesii*, *harrisoniae*, *guttata*, *intermedia*, onde cresciam intactos os *Catasetum discolor*, *macrocarpum*, *purum* e uma infinidade de outras jóias de nossa flora, agora só se vê restos de queimadas, touceiras de capim carcomidas pelo fogo, assim como carcomido está ficando nosso senso de respeito pela criação.

O Mateiro. Ah! Esse mal-falado mateiro!

Ele é sempre apontado como o grande responsável pela devastação de nossa flora. Dizem, até, que a extinção de espécies é devida à coleta indiscriminada. E por quem? Pelo mateiro, esse vilão! Afimam, com toda a segurança, que alguns são ricos, somente através do produto da venda de plantas coletadas em nossas matas. Há ainda quem afirme que, após coletar o suficiente para usufruir um bom lucro, o mateiro, esse "monstro", atea fogo ao habitat, para destruir o que restou. Por tudo isso, a ele é atirada toda a culpa e, naturalmente, sobre ele caem os fiscais do I.B.D.F. Esquecemo-nos, facilmente, de que muitas de nossas plantas já não existiriam se não tivessem, um dia, sido coletadas por ele.



O destino de nossas matas: Carvão

¹Rua 25, Lote 29, Quadra 75, Maravista Soter, Itaipu, 24340, Niterói.

Quantas variedades raras que hoje são exibidas em nossas coleções e exposições com grande orgulho de seu proprietário, talvez não existissem, transformadas em carvão. É óbvio que, se o mateiro vive das plantas que coleta e vende, é importante para ele conservá-las, colher somente as "frentes", permitir que as cápsulas se desenvolvam, etc, pois o sustento dele e sua família depende delas.

Por outro lado, todos que tiverem a feliz oportunidade de visitar o habitat das orquídeas citadas, e outras mais como as *Cattleya elongata*, *bicolor*, *Laelia sincorana* e tantas outras maravilhas, sabem, como eu, que seria praticamente impossível extingui-las por esses meios (coleta). Até mesmo o coletador menos experiente que arranca tudo que vê, quanto mais um profissional.

Não pretendo, aqui, tornar-me um defensor do Mateiro, mas gostaria de colocar as coisas nos seus devidos lugares, e lembrar que ele não é o único nem o principal agente de destruição. O que realmente extermina nossa fauna e flora (e, em particular, nossas orquídeas), é a cobiça desenfreada, sem critério, e até criminosa, de alguns homens e empresas.

As derrubadas indiscriminadas das madeiras, indústrias de carvão, as "queimadas" desnecessárias por fazendeiros e pecuaristas que o fazem com único intento de burlar o governo, dizendo que suas terras são produtivas, a especulação imobiliária, o avanço das máquinas sobre milhares de *Laelias* rupicolas, os despejos e poluição do ar das indústrias, etc. Arbitrariedades comuns num país como é o nosso, com leis que não são cumpridas e penalidades ridículas.

Claro que é impossível deter o progresso, e estou longe de pensar nisso; é, entretanto, no combate a tudo isso que devemos concentrar nossos esforços, se queremos algo mais do que encontrar simplesmente um "bode expiatório".

Vamos tentar, de alguma forma, sensibilizar as autoridades deste país, para que se façam presentes, que façam cumprir as leis e para que determinem penalidades efetivas a todos que, mateiros ou não, ameacem o equilíbrio da natureza.

Pobre Mateiro!

ERRATA

Devido a uma falha de revisão, uma informação incorreta foi publicada no volume 1, número 2. Trata-se da época de floração de *Laelia grandis*, que ocorre em setembro/novembro, e não em fevereiro/março. O engano foi detectado pelo experiente e observador orquidófilo Dennis Duveen e informado ao Editor, que agradece a utilíssima colaboração.

Cattleyas miniatura

R. AGNES¹

Eu nunca esquecerei quando, uma vez participando como juiz aprendiz em meu primeiro grande show, uma das pessoas presentes veio com um pequeno híbrido de *Cattleya* e com o comentário "esta flor é muito pequena para ser julgada" os juízes a puseram de lado. Felizmente, para a planta e o seu dono, um dos juízes, familiarizado com o híbrido, reconheceu a planta pelo que era e então a planta foi corretamente julgada. Um dos pais no cruzamento em questão era de fato a minúscula espécie *Laelia liliputiana* e o híbrido resultante era realmente miniatura em todos os sentidos, sendo desta forma julgado como tal e ganhou primeiro lugar em sua categoria.

Quantos de nós ao menos uma vez levantamos nossos braços em desespero quando encaramos uma planta que gostaríamos de comprar mas não seria possível simplesmente por não haver mais espaço na estufa. Algum tempo atrás, alguns hibridistas (entre os quais Frank Fordyce merece especial menção) decidiram iniciar um extenso programa de hibridação de *Cattleyas* miniatura em resposta a este fato cada vez mais comum.

O objetivo de um híbrido de *Cattleya* miniatura é que ocupe o menos espaço possível, seja de hábito de crescimento compacto, e não cresça muito mais do que uns 15 cm. de altura. As flores, da mesma forma que nos híbridos "standard" de *Cattleya*, devem continuar a ser vistosas. De modo a alcançar estes adjetivos um retorno ao uso das espécies foi necessário, e muitas destas são originárias do Brasil (nota do editor. ao mencionarmos *Cattleyas* miniatura, incluímos neste grupo não apenas o gênero *Cattleya*, mas todas as *Laelinae*, grupo que apresenta, entre outros, os gêneros *Laelia*, *Sophronitis*, *Brassavola* e *Epidendrum*).

Para facilitar a descrição, foram separadas aqui as espécies de acordo com o gênero. Em primeiro lugar a provavelmente mais importante está o gênero *Sophronitis*, especialmente a espécie *S. coccinea* e mais recentemente *S. cernua*. *S. coccinea* é importante já que reduz substancialmente o tamanho da planta nos híbridos resultantes e é quase sempre dominante para seu colorido vermelho/alaranjado das flores. É muito importante usar uma flor de boa forma e substância, já que quaisquer defeitos passarão para a prole. Os primeiros importantes híbridos com *S. coccinea* são Sl. Jinn (*S. coccinea* X *L. milleri*), com flores vermelho-vivas produzidas em pequenas plantas, Sl. psyche (*S. coccinea* X *L. cinnabarina*) e Sl. gratixiae (*S. coccinea* X *L. tenebrosa*), esta com grandes flores roxas com labelo roxo-vermelho. A partir dos híbridos primários, a lista se torna mais e mais impressionante, e híbridos como Slc. Anzac, Slc. Jewel Box, Slc. Madge Fordyce e Slc. Hazel Boyd se tornaram clássicos em orquídeas. O mais famoso híbrido é provavelmente Slc. Hazel Boyd com uns 40 clones tendo recebido prêmios. A coloração varia de amarelo-vivo concolor até vermelho-sólida, passando por tons de laranja e vermelho. Muitos clones tem nítidas venulações nas pétalas. Quando *S. coccinea* foi cruzada com *C. intermedia* var. *aquinii* a bonita Sc. Batemaniana foi produzida. As plantas são realmente miniatura e as flores variam muito no colorido, de creme com flameados vermelhos até róseo-escuro com flameados roxos. Sl. Orpetii (*S. coccinea* X *L. pumila*) tem sido refeita várias vezes, e nunca falha em produzir flores grandes, de boa forma, e de coloração rósea a vermelha-magenta. O clone mais famoso é 'East Winds' AM/AOS, 85 pts.

Nos últimos anos, Slc. Hazel Boyd tem sido usada extensivamente em cruzamentos, e híbridos interessantes incluem Slc. little Hazel (Slc. Hazel Boyd X Sl. Psyche) e Slc. Hazel Boyd X Sc. Beaufort, ambos produzindo flores de ex

¹Travessa Pepe, 98/201, Botafogo 22290, Rio de Janeiro.

celente colorido. Para o futuro temos Slc. Little Hazel X *C. luteola* e Slc. Little Hazel X Sc. Beaufort onde se espera que todos os qualificativos de excelência, i.e., cor, forma, substancia e textura sejam levados adiante, mas em plantas mais compactas.

S. cernua é uma planta muito pequena por todos os aspectos, e produz pequenas (\pm 3 cm) flores laranjas. Sua vantagem é que é uma planta de fácil cultivo e floração. Quando usada em hibridação sempre diminui o tamanho da progênie, tanto em tamanho da planta como da flor. Não existem muitos híbridos, entretanto está havendo muito interesse em cruzamentos tais como Sl. Sparklet Sl. Jinn X *S. cernua*). O clone 'Tiny Embers', AM/AOS 80 pts. produziu 6 flores de aproximadamente 4 cm que eram de colorido laranja iridescente.

As laelias rupícolas foram também importantes na produção de cattleyas miniatura. As vantagens principais são o hábito compacto de crescimento, altas inflorescências, e muitas flores de cores vivas. Elas também passam tolerância de temperatura, já que muitos de seus híbridos podem ser cultivados em temperatura mais baixa do que a requerida por híbridos de Cattleya "standard"

L. cinnabarina, que transmite forma "chata" e coloração laranja-viva à sua progênie, produziu uma das mais importantes pedras fundamentais para produção de miniaturas, Sl. Psyche. Esta tem sido usada em muitos híbridos, e apesar de em muitos deles sua utilização tenha sido muitas gerações atrás, ela é usada ainda diretamente para produzir novos híbridos como Slc. Deborah Off (Sl. Psyche X Sc. Beaufort). "Pool gênico" é muito importante em hibridação, e *L. Coronet* (*L. harpophylla* X *L. cinnabarina*) é um bom exemplo disto. Ambas as espécies produzem flores de coloração laranja intensa, e assim quando o híbrido primário é usado com qualquer híbrido, uma dose dupla de coloração é passada para a progênie, algo a ser levado em consideração quando se cria híbridos com outros híbridos "standard" de coloração menos intensa.

L. harpophylla produz resultados similares à anterior, com a vantagem adicional de que suas flores possuem forma um tanto melhor.

L. milleri está se tornando cada vez mais popular, devido às suas flores de coloração intensa que vai do laranja ao vermelho. Um número de híbridos tem sido registrado e Sl. Jinn foi a pedra fundamental usada em muitos híbridos. Outros híbridos incluem *L. Seagull* (*L. briegei* X *L. milleri*) e *Lc. LuPaul* (*L. milleri* X *C. schilleriana*) que produz flores de um vermelho-escuro metálico com labelo franjado roxo.

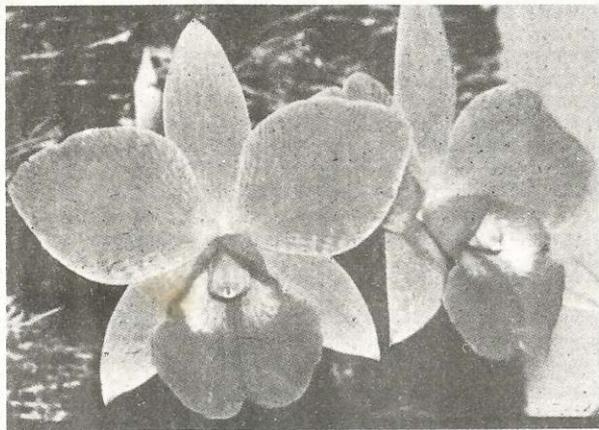
L. flava é importante para hibridação de amarelos já que é praticamente sempre dominante para coloração e sua inflorescência alta eleva as flores bem acima da folhagem. Híbridos incluem Sl. Marriotiana (*L. flava* X *S. coccinea*) e *L. Gold Star* (*L. flava* X *L. harpophylla*). Híbridos bem conhecidos como *Lc. Festival de Ouro* mostram a forte influência que *L. flava* tem em seus híbridos.

L. briegei está se tornando mais popular como produtora de amarelos já que suas flores amarelas tem melhor forma do que as de *L. flava*. Slc. Orgladé's Early Harvest (*L. briegei* X Slc Hazel Boyd) provou isto com bonitas flores amarelas e laranjas com flameados nas pétalas. Alexis Sauer, um membro da Orquidário, usou a espécie com sucesso no híbrido *Lc. Orquidário* (X *Lc. Culminant*). As plantas são pequenas e produzem flores de tamanho médio e boa forma nas quais a coloração vai de creme com nuances roxos até salmão.

L. lucasiana e *L. ghyllanyi* são ambas muito pequenas plantas com flores róseas e roxas. Ambas estão sendo usadas com mais frequência porque dominam com relação ao tamanho da planta e também porque *L. lucasiana* passa seu labelo amarelo-vivo e *L. ghyllanyi* tende a ter flameados nas pétalas o que torna seus híbridos interessantes. Híbridos recentes incluem *Lc. Jem's Rose* (*L. ghyllanyi* X *Lc. Gold Digger*) e *Lc. Tiny Treasure* (*C. Portia* X *L. lucasiana*), do qual um número tem sido recentemente premiado. A grande *C. Portia* foi diminuída em tamanho mas o hábito de multiflora foi mantido com flores sendo de boa forma e coloração roxa uniforme com labelo amarelo-limão.

L. pumila e *L. sincorana* são as duas laelias não rupícolas que tem sido usadas extensivamente em hibridação. Ambas tem flores grandes e planas e o hábito da planta é pequeno, no caso de *L. sincorana* os bulbos curtos e redondos sendo de grande potencial. Sl. Orpetii (*L. pumila* X *S. coccinea*) é prova

velmente o híbrido mais bem conhecido usando a espécie e foi refeito em muitas ocasiões. As flores vão de róseo até vermelho-magenta e são frequentemente grandes, planas e de boa forma. Recentemente o híbrido foi refeito usando a forma alba de *L. pumila* e a forma amarela de *S. coccinea*, e o resultado foi uma *Sl. Orpetii* amarela concolor, não tão vigorosa como as *Sl. Orpetii* normais, mas interessante como nova cor. *Lc. Hunabu Princess* (*L. sincorana* X *C. Cherry Chip*) foi o primeiro híbrido "Splash petal" usando *L. sincorana* no qual aumentou o tamanho de *C. Cherry Chip*, mas mantendo sua forma redonda. As flores são róseas com flameados roxos (cereja) e mais uma vez muitos prêmios devem resultar deste híbrido.



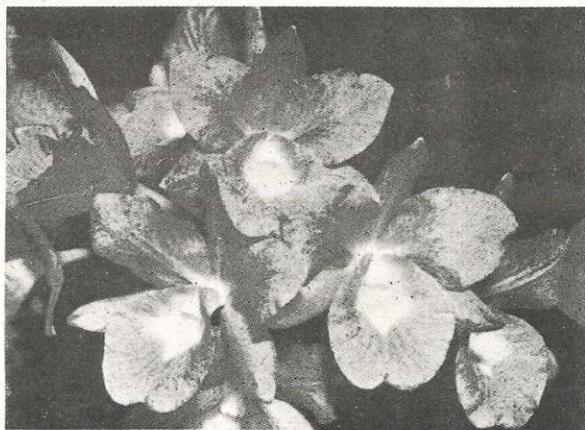
Lc. Mini Purple 'Tamani' BM/JOGA

Com os excelentes resultados obtidos do uso de laelias rupícolas, outras espécies estão sendo usadas mais e mais frequentemente, e assim é comum agora se ver *L. crispata*, *L. bradei* e *L. lundii* em muitos híbridos. O mais conhecido é provavelmente *Lc. Seagulls Royal Suit* (*L. crispata* X *C. Gene May*), que produz até doze flores (aprox. 7 cm) em uma inflorescência alta. A coloração é roxo-clara com flameados mais escuros nas pétalas e labelo roxo-escuro.

No gênero *Cattleya* duas espécies se destacam pela sua contribuição para a produção de cattleyas miniatura, *C. luteola* e *C. aclandiae*. *C. luteola* é relativamente pequena e produz aglomerados de flores amarelo-esverdeadas. Quando hibridada com *S. coccinea*, a excelente *Sc. Beaufort* foi produzida. O clone 'Elnwood' AM/AOS tem flores amarelo-brilhantes de boa forma e substância. Cores deste híbrido variam ainda de amarelo e vermelho com labelo amarelo. Este híbrido tem sido usado extensivamente em cruzamentos e produziu cruzas de sucesso como *Sc. Crystelle Smith* (*Sc. Beaufort* X *C. loddigesii*), com flores róseas e labelo amarelo canário, vários clones deste híbrido tendo sido recentemente premiados. *Slc. Deborah Off* (*Sl. Psyche* X *Sc. Beaufort*) produz flores laranja-vivas e com sua dose dupla de *S. coccinea* tem provado ser um excelente reprodutor na faixa de colorido laranja-vermelho. Devido ao seu hábito floral em caixos aglomerados, muitos hibridistas estão retornando ao uso das espécies diretamente, em muitos casos com bons resultados, i.e. *Slc. Tangerine Imp* (*Slc. Tangerine Jewel* X *C. luteola*), com flores amarelas venuladas de roxo.

C. aelandiae é uma planta de porte baixo que produz flores pintadas de até 10 cm de diâmetro. Quando usada em hibridação, as flores produzidas são geralmente igualmente pintadas, e o melhor exemplo é *C. Brabantiae* (*C. aelandiae* X *C. loddigesii*), com flores que são róseas densamente pintadas de roxo. Entretanto, quando esta espécie é cruzada com *S. coccinea*, *L. milleri*, *C. aurantiaca* e seus híbridos, a progênie resultante perde suas pintas e as flores tendem a ser grandes, de colorido vermelho intenso, e muita substância. Um bom exemplo é Slc. Dixie Jewels (Slc. Madge Fordyce X *C. aelandiae*) que produz numerosas flores vermelho-intensas de muita substância. O hábito de crescimento de *C. aelandiae* é a tal ponto dominante que mesmo sendo cruzada com *C. guttata* (= *C. Landate*) a planta reduz drasticamente seu tamanho e mesmo quando este híbrido resultante é cruzado com *C. amethystoglossa* para produzir *C. Caguas Amethyst* as plantas ainda continuam relativamente pequenas. A última hibridação para "splash petal" tem sido feita com *C. aelandiae* e *C. Gene May* (*C. Suavir* X *C. aelandiae*) produz flores com flameados e pintas nas pétalas, sendo ainda perfumadas.

C. walkeriana tem sido usada com alguma frequência e alguns excelentes - híbridos resultaram, como *C. Angelwalker* (*C. Little Angel* X *C. walkeriana*) e *C. Cherry Chip* (*C. Angelwalker* X *C. intermedia*), que produziu algumas bonitas flores "splash petal" (o que é aqui considerado como "flameado", o que não é correto, já que os primeiros são na verdade trilabelóides. Esta nomenclatura, entretanto, não é aqui utilizada por não ser muito correta depois das primeiras gerações de hibridação. Nota do ed.), quando *C. intermedia* - var. *aquinii* é usada. *C. nobilior*, que é semelhante a *C. walkeriana*, tem a vantagem de que suas flores tendem a ser de melhor forma e apenas recentemente tem sido usada em hibridação, mostrando ser uma espécie promissora.



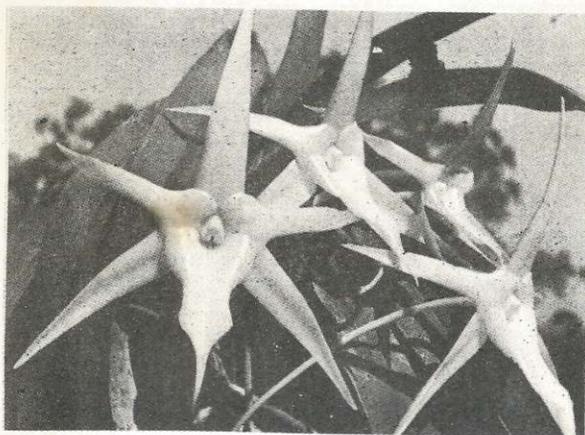
Ctna. Why Not 'Summer in Montego' HCC/AOS

Broughtonia sanguinea é uma pequena espécie da Jamaica que apenas recentemente foi usada para hibridação. O primeiro cruzamento foi registrado em 1957, chamando-se Cattleytonia Rosy Jewel (*Bro. sanguinea* X *C. bowringiana*), e desde então dúzias de híbridos foram registrados. Esta é provavelmente a mais importante espécie nas novas gerações de miniaturas porque possui muitos atributos desejáveis, i. e., plantas pequenas, compactas, de fácil crescimento (4-8 cm de altura) e que produzem hastes florais de até 60 cm de altura com até 12 flores. A cor normal é vermelha, mas formas de cores brancas, amarelas, semi-albas e flameadas foram encontradas e usadas para hibridação. Provavelmente o mais importante híbrido deste grupo até hoje é Cattleytonia (Ctna.) Keit Roth (*Bro. sanguinea* X *C. bicolor*) que produziu muitos clones excelentes e tem sido usada extensivamente em hibridação. De fato, muitos dos híbridos atuais tem estas plantas direta ou indiretamente em sua composição, como Ctna. Jamaica Red (Ctna. Keith Roth X *Bro. sanguinea*), que produz muitas flores vermelho-brilhantes, redondas. Devido à facilidade com que *Bro. sanguinea* produz híbridos, a espécie tem sido usada para criar vários híbridos intergenéricos com espécies de *Laelia*, *Cattleya*, *Epidendrum*, *Caularthron* (*Diacrium*) e *Domingoa*. Hawkinsara Alice Iwanaga (Slc. Tropic Dawn X Ctna. Keith Roth) é um exemplo de cruzamento quadrigenérico. Um excitante novo híbrido é Cattleyopsistonia Diana (*Bro. sanguinea* X Ctpsta. Leona) que quando premiada carregava 59 flores e 41 botões em 6 inflorescência. As flores eram magenta com marcas mais escuras no ápice das pétalas e os labelos eram amarelos com estrias magenta, relamente uma festa para os olhos. Um número de híbridos flameados de sucesso foi feito e um bom exemplo é Laeliocatonia - Lillian Melendez (Lc. Carribean Clown X Ctna. Keith Roth). As flores são amarelas-vibrantes com barras marrom/vermelhas nas sépalas e pétalas. Com resultados tais como esses, muitos novos interessantes híbridos devem resultar de *Bro. sanguinea*.

Finalmente, mas não por fim, podemos mencionar *Brassavola nodosa*, a orquídea "dama da noite". Esta planta compacta, com bulbos estreitos e eretos, assim como as folhas, produz até 5 flores brancas que são perfumadas ao anoitecer. Nos Estados Unidos, muitos novos híbridos foram registrados com esta espécie, porque ela passa à prole crescimento rápido e fácil, de modo que logo as plantas entouceiram e produzem muitas flores. Muitas cores novas foram criadas usando a espécie, pois ela mostra as marcas do outro pai, como por exemplo em Bc. Hippodamia (*B. nodosa* X *C. aelandiae*), onde as sépalas e pétalas são amarelas esverdeadas densamente pintadas de roxo e o labelo é branco com muitas pintas lavanda e com lavanda nas margens. Quando cruzada com híbridos complexos a faixa de coloração aumenta drasticamente e devem ser vistos vários clones de um cruzamento para apreciar a influência de *B. nodosa*. Bc. Roman Holiday (*C. Chocolate Drop* X *B. nodosa*) é um bom exemplo, as flores sendo em vários tons de amarelo até laranja com pintas vermelhas e com labelos amarelos com pintas e barras em roxo. Mais uma vez, é uma espécie muito promissora em hibridação.

Obviamente, não se pode descrever tudo que foi feito em hibridação de cattleyas miniatura. À medida que estas plantas ganham popularidade, mais e mais híbridos são registrados especialmente por firmas como Seagull's Landing Orchids e Frank Fordyce Orchids, onde novas tendências e padrões estão sendo criados a todo momento. Com a sólida base já existente, o futuro para estas "pequenas jóias" promete muitas surpresas e muito mais prêmios.

A. sesquipedale floresce de outubro a março e produz inflorescências menores que a espécie anterior, com 2-6 flores. Esta espécie é a mais ornamental do gênero e provavelmente uma das mais bonitas orquídeas. As flores vão de branco-neve até creve e atingem 17-20 cm de diâmetro. O esporão atinge 30 cm de comprimento e foi motivo de muito estudo por Darwin. Ele predisse que o mecanismo de polinização seria através de uma mariposa de longa probóscide, que mais tarde foi descoberta. Devido à sua beleza, as plantas foram coletadas em excesso no habitat até que as autoridades proibiram esta coleta. Felizmente, muitos seedlings criados artificialmente fazem que a espécie seja agora mais fácil de conseguir. Muitos clones da espécie foram premiados e são sempre admirados em shows. O clone mais famoso é provavelmente *A. sesquipedale* 'Star of Malagasy' FCC/AOS (91 pts), que tem grandes flores brancas com excelente textura e substância.



Angraecum sesquipedale 'Star of Malagasy' FCC/AOS

Recentemente, o interesse no gênero aumentou, e para os que não tem espaço para plantas tão grandes, as espécies menores tais como *A. cultriforme*, *A. distichum* e *A. leonis* são sempre interessantes adições a qualquer coleção.



Cattleya intermedia em seu habitat natural. A esplêndida visão das plantas em seu habitat tende a só tornar cada vez mais rara, e talvez a atual geração seja a última privilegiada. O habitat da espécie está na vegetação litorânea que, especialmente na região de Cabo Frio no Estado do Rio de Janeiro, está seriamente ameaçada pela especulação imobiliária. A impossibilidade de preservar esta área restrita terá como resultado a extinção desta população isolada da espécie, com todo seu potencial genético, e apenas as plantas coletadas e cultivadas serão o testemunho do que existiu. As condições locais são severas. Exposição quase total ao sol só é suportada devido aos ventos constantes. Estes ventos, porém, dissecam as plantas, que se tornam quebradiças. A areia, movimentada pelos ventos, muitas vezes cobre o rizoma dessas plantas, e é mais uma proteção contra a insolação. Mais uma vez, a observação do habitat fornece as indicações para o cultivo das plantas.